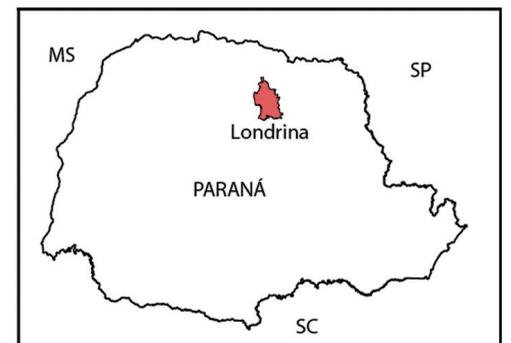
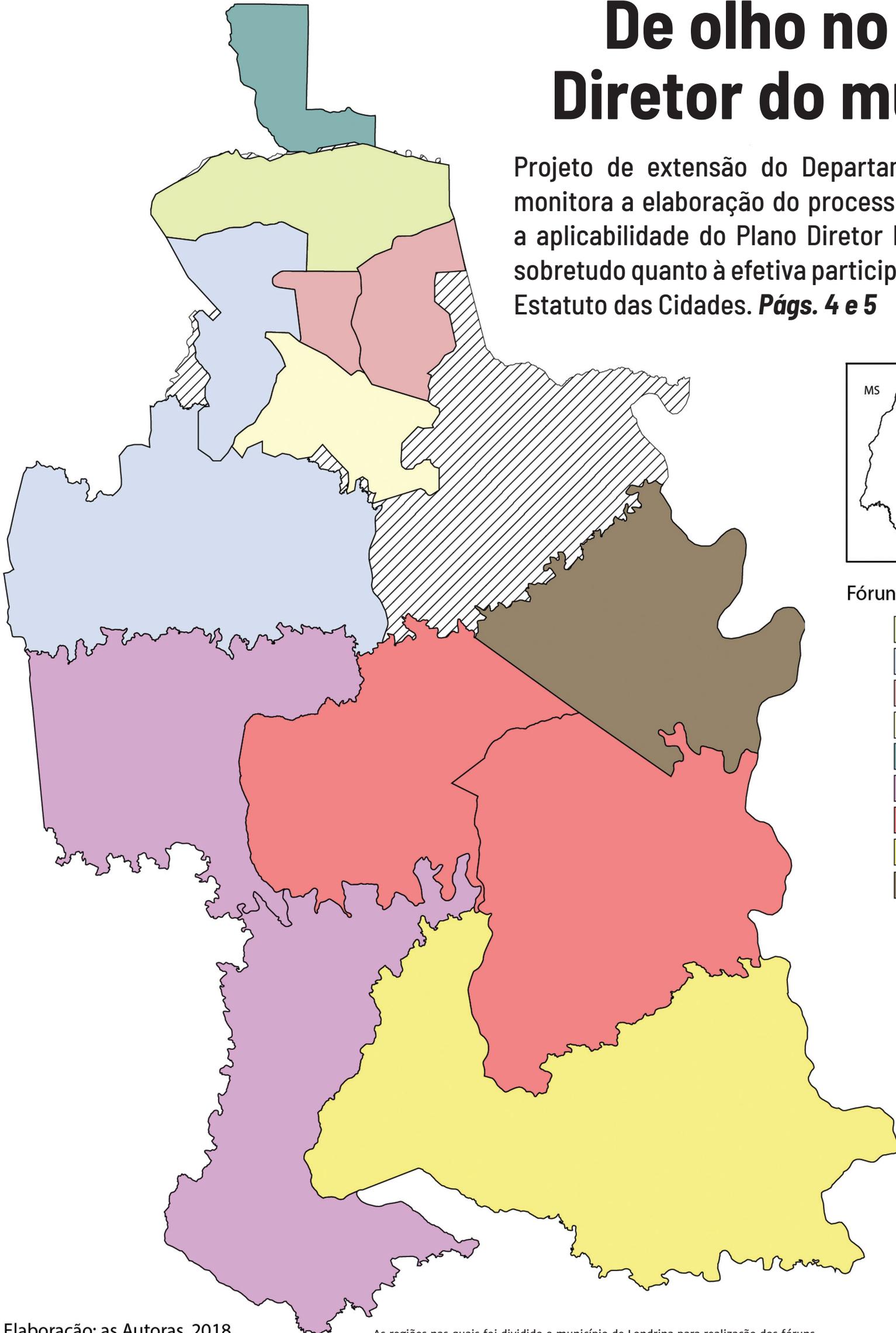


## De olho no Plano Diretor do município

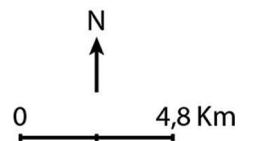
Projeto de extensão do Departamento de Geociências monitora a elaboração do processo de revisão decenal e a aplicabilidade do Plano Diretor Municipal de Londrina, sobretudo quanto à efetiva participação social prevista no Estatuto das Cidades. **Págs. 4 e 5**



Fóruns PDM-Londrina (2018):

- Norte
- Oeste/Espírito Sto.
- Centro/Leste
- Sul
- Warta
- São Luiz/Guaravera
- Irerê/Paiquerê
- Lerroville
- Maravilha

Área Rural do Distrito-Sede



# Metodologia tradicional ou construtivista?

Alunos de Educação Física e Medicina realizam atividades nos dois métodos e avaliam pontos positivos e negativos de cada um

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

A professora Celia Cristina Fornaziero (Departamento de Anatomia) tem uma trajetória de pesquisa do Ensino Superior. Já em 2000, na Especialização em Saúde Coletiva (UEL), ela desenvolveu um estudo intitulado “Uma nova visão do ensino da Anatomia Humana”. No Doutorado em Ciências da Saúde da UEL, concluído em 2010, ela avançou ainda mais. Finalmente, em 2017, começou a participar do projeto “Estudo comparativo entre metodologias construtivista e tradicional no ensino superior”.

O projeto foi inicialmente coordenado pelo professor Eduardo Vignoto Fernandes, na época temporário na UEL e que se tornou efetivo na Universidade Federal de Goiás. A professora Célia lembra que isso não foi uma perda, porque o professor continua colaborando com o projeto, agora comparando dados daqui com acadêmicos de Jataí, no interior goiano.

Celia explica que no curso de Educação Física (bacharelado) predomina a metodologia tradicional de ensino, mais centrada no professor e na transmissão de conhecimentos, com aulas expositivas tradicionais. O método está previsto no projeto pedagógico do curso. Na Medicina, prevalece um método construtivista, em que a participação do professor é mais como facilitador do aprendizado e os acadêmicos são mais ativos na busca do conhecimento, com mais pesquisas, daí a ideia de que eles mesmos constroem seu conhecimento. Nos dois cursos, Anatomia é uma disciplina do primeiro ano.

A professora diz ainda que a Anatomia não é uma disciplina, um conjunto de estruturas a serem decoradas. É importante memorizar certas nomenclaturas e conceitos, mas vai muito além. De todos estes fatores, mais sua participação no Núcleo Docente Estruturante dos Cursos de Graduação (NDE) na Medicina, e outras iniciativas pessoais, nasceu a reflexão que gerou o projeto.

A pesquisa foi aplicada em 76 alunos

dos dois cursos, em todos os turnos, nas turmas de 2018 e 2019. Cada turma foi dividida em dois grupos, um de metodologia tradicional e outro construtivista. O grupo construtivista foi dividido em grupos menores que receberam Atlas de Anatomia, peças anatômicas e roteiro de aula prática para desenvolver seu conhecimento. Depois, os grupos trocaram de metodologia. Ao final, Os participantes foram avaliados e responderam um questionário sobre sua percepção do aprendizado.

De forma geral, os alunos tiveram a percepção de melhor desempenho com a metodologia tradicional. A percepção é de que se aprende mais, enquanto no modelo construtivista a aprendizagem exige mais esforço. Naturalmente, diversos fatores podem atuar sobre os resultados. Por exemplo, o fato de que, no primeiro ano, os estudantes vêm na grande maioria de um Ensino Médio tradicional e não estão acostumados com uma nova metodologia. Por isso, é necessário um período de adaptação. A professora Celia leva tudo isso em consideração, tanto que observa que os dados coletados ainda não foram totalmente explorados, e fatores como faixa etária, condição socioeconômica e conhecimentos prévios foram previstos pela pesquisa, mas ainda não trabalhados.

Os dados já trabalhados mostram ainda que os estudantes de Medicina se ajustaram melhor à metodologia construtivista, mas as razões ainda devem ser estudadas mais a fundo. A professora lembra que, para muitos alunos, o método construtivista é mais difícil porque o estudante deve explorar mais por conta própria, com menos interferência do professor. No outro extremo, ela aponta que ainda existe preconceito contra o modelo tradicional, embora ele tenha mudado. Para ela, o método tradicional, hoje, dispõe de recursos tecnológicos para diversificar as aulas. “Mas ainda existem turmas muito passivas”, completa.

Adiante, o projeto vai se debruçar sobre mais dados, em estudos qualitativos, e produzir mais estudos que, como os anteriores, serão apresenta-



Roger William de Sousa Vitorino (estudante de Psicologia), Deisy Paula dos Santos e Luana Andrade Rogério (Educação Física). No destaque, a Professora Célia Fornaziero, coordenadora do projeto

dos em eventos científicos e submetidos a publicação. A ideia é também expandir para outros cursos. Até agora, o projeto se apresentou em quatro eventos: IV Congresso Nacional de Formação de Professores de Educação Física/ 9º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – CONPEF; XXVIII Encontro Anual De Iniciação Científica (EAIC 2019); VIII Congresso Paranaense de Ciências Biomédicas; e V Semana de Educação Física e Esporte.

Além disso, conseguiu uma publicação importante, este ano, no International Journal of Morphology, um periódico chileno da área de Anatomia de alto impacto científico. Assinado pelos professores do projeto e pelo estudante Roger Vitorino, o artigo tem como título “Avaliação do desempenho e percepção da aprendizagem no ensino de Anatomia Humana: método tradicional versus método construtivista”.

## MOTIVAÇÃO

Roger William de Sousa Vitorino é estudante de Psicologia e um dos três alunos de graduação que participam do projeto. Ele ajudou na coleta de dados e acompanhou de perto as avaliações. Para ele, os alunos pesquisados se mostraram motivados pela pesquisa e se esforçaram em participar ativamente, o que ficou demonstrado pela

inexpressiva evasão. Ele também ressalta o fato de que o pouco tempo de trabalho com a metodologia construtivista (cerca de duas semanas) pode ter colaborado para a preferência pelo método tradicional. Em sua avaliação, não existe um método pior e outro melhor; dependerá do objetivo.

Para Deisy Paula dos Santos (Educação Física), outra aluna participante, o método tradicional prevê o professor mais próximo, o que faz os estudantes se sentirem mais seguros. O uso do Atlas também fez diferença positivamente. A metodologia construtivista, por outro lado, estimulou a turma, particularmente no aspecto de interação. “Ambos os modelos são interessantes”, conclui.

Luana Andrade Rogério, também aluna de Educação Física, conta que nunca havia tido contato com a metodologia construtivista, e inicialmente julgou mais difícil de apreender conhecimentos com ela. Mas entende que ela dá mais liberdade ao aluno, é interessante e pode trazer melhores resultados. Contudo, é recomendável se aprofundar mais no método.

Para a professora Célia, é preciso pesquisar e explorar a diversificação de métodos e recursos tecnológicos a fim de melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Ela lembra que, quando começou seus estudos, muito pouco havia sido publicado. “Em 2000, pouco se falava de ensino na Anatomia”, comenta. Daí buscou artigos da área de Pedagogia. Por outro lado, ela sentenciou: “Quando o estudante se dedica, ele é bom em qualquer método”.

## Expediente



Reitor: Sérgio Carlos de Carvalho  
Vice-Reitor: Décio Sabbatini Barbosa



UEL - Campus Universitário - C.P. 6001  
CEP 86051-990 - Londrina, PR  
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115  
noticia@uel.br

Coordenador: Sérgio Henrique Gerelus  
Chefe da Divisão de Jornalismo: Miriam Peres da Cruz  
Editor: José de Arimathéia  
Redação: Beatriz Botelho, Reinaldo César Zanardi e Pedro Livoratti

Diagramação/Editoração: Moacir Ferri  
Fotógrafos: Daniel Procopio e Gilberto Abelha  
Projeto Gráfico: GráficaUEL  
Impressão: Folha de Londrina  
Tiragem: 2.000

# O pensamento do “filósofo da educação”

Grupo de Estudos do Departamento de Educação aborda a produção intelectual de Paulo Freire para compreender o seu pensamento sobre o papel da Educação



Professor Gilmar Altran: “Freire parte da conscientização da pessoa e como ela interage com o mundo”

REINALDO C. ZANARDI

O professor Gilmar Aparecido Altran, do Departamento de Educação, é um profundo conhecedor da obra do educador Paulo Freire (1921-1997). Tanto que sua dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília) - tem um título bastante sugestivo: “Paulo Freire: filósofo da Educação?”

Gilmar Altran é formado em Filosofia e atua na disciplina Filosofia e Educação no Brasil, na 3ª série do curso de Pedagogia, que - segundo ele - apresenta limites para aprofundar o pensamento de educadores brasileiros. Na disciplina, o professor percorre o pensamento educacional de autores como Rui Barbosa, Anísio Teixeira, Demerval Saviani e Paulo Freire.

Por isso, o professor diz que encontrou no projeto de pesquisa, o espaço para aprofundar os estudos em um autor. Tanto que ele coordena o projeto de pesquisa em ensino “Grupo de Estudos: o pensamento freiriano e a educação no Brasil - produção intelectual a partir dos anos 1980”. Esta é a segunda fase do projeto; a primeira abrange desde o início da carreira de Paulo Freire até o exílio, em 1964.

Uma das obras de referência nessa etapa é o livro “Pedagogia da Esperança” que, segundo Gilmar Altran, é um reencontro de Freire com o livro “Pedagogia do Oprimido”, escrito durante o exílio.

O Grupo de Estudos se reúne quinzenalmente, nas manhãs de sábado. O método do grupo é fazer leituras, refletir - a partir do pensamento freiriano - o conceito de educação e de sala de aula, e ainda cidadania, gênero, formação humana, entre outros.

O educador brasileiro é referência em todo o mundo. O jornalista e escritor Edson Veiga escreveu para a BBC News Brasil, em janeiro de 2019, que “Freire é estudado em universidades americanas, homenageado com escultura na Suécia, nome de centro de estudos na Finlândia e inspiração para cientistas em Kosovo. De acordo com levantamento do pesquisador Elliott Green, professor da Escola de Economia e Ciência Política de Londres, o livro fundamental da obra do educador, ‘Pedagogia do Oprimido’, escrito em 1968, é o terceiro mais citado em trabalhos acadêmicos na área de humanidades em todo o mundo”.

Gilmar Altran destaca que a metodologia do grupo de estudos quer ser uma experiência freiriana, baseada no diálogo, e que resgate outra característica do educador: “o prazer pelo estudo, estabelecendo relação da nossa realidade com Paulo Freire”. Segundo Gilmar Altran, o método de Freire não está massificado na sala de aula como procedimento de ensino. “Nunca usamos Paulo Freire enquanto concepção na sala de aula. As pessoas culpam-no de forma errada”, afirma o professor. “O texto de Freire serve muito bem como epígrafes, mas há resistência ao seu pensamento por desconhecimento”, complementa.

## EXÍLIO

Durante a ditadura militar brasileira, o pensamento de Paulo Freire foi considerado perigoso a ponto de o educador ter sido perseguido e acabou no exílio, onde produziu seus principais títulos. “Pedagogia do Oprimido” foi escrito no Chile e lançado em 1968. “Paulo Freire foi considerado perigoso porque mexe com as estruturas de uma sociedade elitizada, que não consegue trabalhar a dialogicidade, que tem uma herança escravocrata”, afirma o professor. E ainda: “Freire parte da conscientização da pessoa no mundo e como ela interage com o mundo”.

O método de Paulo Freire, como ficou conhecida sua proposta de alfabetização de adultos, surgiu em 1963, quando o educador alfabetizou, em 40 horas, um grupo de trabalhadores rurais em Angicos, no interior do estado do Rio Grande do Norte.

O processo de alfabetização de Freire, nesse contexto, considera a realidade do próprio educando, seus saberes e o conhecimento como algo não pronto, a ser construído.

Conforme Gilmar Altran, o pensamento de Paulo Freire para a educação passa por valores como liberdade, educação como direito de todos, socialização do conhecimento, prazer pelo aprendizado, tolerância, respeito ao outro. O professor destaca que estudantes da Pedagogia, que foram alunos da modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), antes de ingressarem na universidade, reconhecem-se no pensamento freiriano.

## PRODUÇÃO

A partir das leituras e reflexões, membros do grupo de estudos produzem trabalhos científicos para apresentação em eventos tanto locais quanto internacionais. O professor destaca a produção de cinco trabalhos, fruto da pesquisa e das discussões dos participantes. O grupo comporta até 15 estudantes.

A estudante Sayra Jorge Correia está no 4º ano do curso de Pedagogia e considera a participação no grupo necessária, porque a atuação na disciplina da graduação não consegue aprofundar os estudos. “Conhecia pouco o método de Paulo Freire voltado para trabalhadores adultos. Passei a conhecer mais a sua obra, como os livros escritos no exílio”, comenta.

Ela afirma que chama sua atenção o empenho e a força de vontade do educador. “Ele sempre teve carinho pela educação, um olhar para a transformação. Freire sempre acreditou muito no potencial da educação. Isso é muito bonito”, afirma Sayra.

Priscila Cardoso Weber, estudante do último ano de Pedagogia, diz que tinha uma visão rotular de Paulo Freire. “Era um esquerdista”, afirma. “Hoje tenho uma visão completamente diferente, porque Freire aborda o sujeito que tem historicidade, tem valor e tem conhecimento”, afirma a estudante que destaca o papel das leituras e das reflexões acerca do pensamento freiriano.

A estudante afirma que levará muito aprendizado para a sala de aula. Ela destaca que o pensamento freiriano quebra a distância entre professor e aluno, característica da educação tradicional. “Acho que ainda conheço muito pouco do educador Paulo Freire. Vou estudar ainda mais para entender o pensamento dele na sala de aula”, finaliza.

## Ranking destaca UEL entre universidades brasileiras

A UEL se destacou na 24ª colocação entre as Instituições Brasileiras de Ensino Superior segundo o Ranking Times Higher Education (THE)/Economias Emergentes, divulgado no dia 18 de fevereiro. Ao todo foram avaliadas 533 Universidades de 47 países considerando itens como Inovação, Diversidade Internacional, Ensino e Ambiente de Aprendizagem, Pesqui-

sa e reputação e Citações/influência da pesquisa. No nível internacional, a UEL ocupou a posição 401, juntamente com as demais Universidades Estaduais do Paraná.

Segundo a Diretora de Avaliação e Informação Institucional, da Pró-reitoria de Planejamento (PROPLAN) da UEL, professora Elisa Emi Tanaka Carloto, a classificação da UEL caiu leve-

mente no âmbito nacional internacional, face à entrada e expansão de novas Universidades, inclusive brasileiras. No ano passado a Universidade figurava no 18º lugar entre as brasileiras.

Ela explica que a boa colocação no ranking THE/Emergente, nos últimos dois anos, está ligada à tradição dos Programas de Pós-graduação da UEL, atrelada ao equilíbrio existente no tripé

ensino, pesquisa e extensão. Ela resalta a necessidade de investimento contínuo no aprimoramento dos Programas, por meio de concessão de bolsas de estudos e de Editais que foquem o desenvolvimento e a expansão dos projetos acadêmicos. “Bons resultados em rankings são decorrentes do investimento planejado em ensino, pesquisa e extensão”, finalizou a diretora.

# Projeto monitora elaboração e aplicabilidade do Plano Diretor de Londrina

Um dos principais objetivos é verificar se a participação popular está sendo incentivada e valorizada, conforme preconiza o Estatuto das Cidades

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O Estatuto das Cidades (lei 10.257 de 10 de julho de 2001) regulamenta a política urbana preconizada pela Constituição Federal de 1988. Entre outros pontos, a lei determina que os municípios façam seu Plano Diretor Municipal (PDM), considerado “o instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana”, que deve ser revisado a cada 10 anos. Em Londrina, o PDM vigente é o de 2008, ou seja, está atrasado. O novo deveria valer desde 2018, mas ainda não foi aprovado pela Câmara Municipal.

De acordo com Maria Eunice Garcia Ferreira (Gerência de Pesquisa e Plano Diretor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina - IPPUL), “o objetivo principal deste instrumento é direcionar as ações de poder público e da iniciativa privada visando compatibilizar interesses, orientar as prioridades de investimentos e garantir a todos o direito à cidade”. Entre outros pontos, o Plano estabelece “o perímetro da(s) zona(s) urbana(s), o parcelamento do solo, o uso e ocupação do solo, as obras e edificações, as posturas, ambiente, patrimônio histórico e cultural, entre outros; ou que estabeleçam os diferentes instrumentos (Estudo de Impacto de Vizinhança-EIV, Outorga Onerosa, etc.) que serão utilizados para executar suas políticas e diretrizes”.

Este processo está sendo acompanhado de perto pelas professoras Ideni Terezinha Antonello e Léia Aparecida Veiga (Programa de Pós-Graduação em Geografia/Uel) por meio do projeto “Monitoramento da elaboração e aplicabilidade do Plano Diretor Municipal de Londrina”, em execução desde 2017. O IPPUL começou a revisar o PDM em 2018 e, segundo as professoras, fez um grande esforço para cumprir a lei e entregar o Plano para a Câmara naquele ano.

O próprio prazo de 10 anos é avaliado. Ideni afirma que existe uma crí-

tica de que é um lapso de tempo muito longo, pois algumas transformações urbanas ocorrem muito mais rápido. Por que não uma revisão parcial a cada cinco anos, por exemplo? Ela conta que em Lisboa, onde desenvolveu seu Pós-Doutorado, a avaliação da aplicabilidade do Plano Diretor é feita a cada dois anos.

Como o projeto de extensão objetiva fortalecer as políticas públicas de desenvolvimento urbano, com acento na participação direta da comunidade, mediante as ferramentas previstas em lei e preconizadas pela Constituição, as professoras e estudantes do curso de Geografia acompanharam as audiências públicas e os fóruns de participação popular. Para a professora Ideni, coordenadora do projeto, a abertura para a participação popular é resultado de um processo histórico e esforço em aplicar o Estatuto da Cidade e ter a perspectiva da população, além dos olhares técnicos, interdisciplinares por excelência. A professora lembra que na revisão realizada em 2018, esse olhar interdisciplinar foi contemplado com a atuação de profissionais de diferentes áreas (professores universitários e de técnicos que integraram a equipe do IPPUL).

## UNIVERSIDADES

As professoras ressaltam a abertura dada à participação das universidades. “Podemos contribuir como pesquisadores”, exemplifica a professora Léia. Segundo ela, o PDM de 2008 já envolveu a participação da população, que levou ao processo uma “leitura comunitária”.

Para Maria Eunice Ferreira (IPPUL), a participação da Uel foi ativa desde as primeiras etapas do processo de revisão do PDM, contribuindo com conhecimento “na leitura técnica da realidade do município” e nas audiências e conferências.

Em 2018, foram realizados 10 fóruns de participação popular, para cada porção delimitada pelo IPPUL: Norte; Oeste/Patrimônio Espírito Santo; Centro/Leste, Sul; Warta; Distritos de São Luiz e Guaravera; Distrito de Lerroville; Dis-



Professoras Ideni e Léia: o índice de participação da comunidade foi baixo em geral, mas no distrito da Maravilha, por exemplo, destacou-se a participação de jovens

trito de Maravilha; e Distritos de Irerê e Paiquerê. São nove, mas esta última foi desmembrada posteriormente. As professoras estiveram em todos e, de acordo com a professora Léia, os trabalhos foram intensos.

Nos fóruns, foi possível ouvir a população. Embora a participação tenha sido ínfima, as professoras entendem que questões extremamente relevantes foram levantadas. A própria população justificou a fraca presença devido à falta de divulgação maior. Mas outro fator é ainda mais forte: a percepção de que o Poder Público, em última instância, não atende as necessidades da população. De outro lado, chamou a atenção, por exemplo, a presença de jovens no fórum realizado no Distrito de Maravilha.

Para a professora Léia, a participação da comunidade é um processo em construção, que implica até mesmo em aprender a participar ativamente. Afirma ainda que, para isso, é preciso haver investimento público e reconhece a necessidade de maior divulgação, além da realização de mais fóruns populares. Na visão de Ideni, trata-se de praticar uma “pedagogia urbana”, pelo envolvimento da Universidade, estímulo à participação da sociedade e soma de conhecimentos.

## NECESSIDADES E PROPOSTAS

Cada porção levantou questões pontuais ou características da localidade (urbana ou rural), mas alguns temas foram recorrentes e quase unânimes. Na

zona rural, por exemplo, o transporte rural (escolar e público) foi um dos problemas mais destacados, assim como o estado das estradas e pontes.

Os jovens da zona rural também reivindicaram mais opções de lazer, especialmente quando o sistema de transporte não é bom. Afinal, como se deslocar para a sede do município se os ônibus demoram horas ou as estradas estão intransitáveis?

A revitalização de espaços (como praças), segurança, serviço de saúde e saneamento básico, leis que agilizem aquisição de habitação, cuidados com animais abandonados e proteção das nascentes também foram apontados. As reivindicações foram levantadas nos fóruns de participação a partir de questionamentos relacionados aos seguintes temas: atendimento social, transporte, estrutura urbana e economia/meio ambiente. Este binômio se explica quando se pensa no desenvolvimento de modelos de produção agropecuária que respeitem e preservem o meio ambiente.

Não à toa algumas das principais propostas giraram em torno deste binômio, como o incentivo ao turismo rural, a produção de alimentos orgânicos e de forma sustentável, e o incremento da Mata dos Godoy como atrativo turístico.

Na porção urbana, os maiores problemas poderiam ser resumidos em uma palavra: mobilidade. As maiores queixas vieram da zona leste, mas são os mesmos pontos em toda a cidade: trânsito lento, sinalização (ou falta de),

excesso de veículos, ciclovias, vagas de estacionamento, cuidado com pedestres, etc. Outros temas também foram levantados, como a habitação (zonas norte, leste e sul), sendo um ponto vinculado ao meio ambiente em razão das ocupações irregulares, particularmente em fundos de vale. A população reivindica melhores políticas públicas de habitação, saúde e empregos.

## 2020

De acordo com as professoras Ideni e Léia, embora a minuta do PDM tenha sido entregue pelo IPPUL à Câmara Municipal em dezembro de 2018, o ano terminou sem que ela o discutisse e avaliasse. Em 2019, segundo elas, o IPPUL passou o ano respondendo recursos apresentados por diversas entidades londrinenses, questionando um ou vários pontos do PDM, ou apenas pedindo esclarecimentos sobre determinados aspectos. Para fundamentar as respostas aos recursos, o IPPUL fez novo esforço técnico. Resultado: o PDM também não foi pautado na Câmara. Porém, em dezembro, a Câmara deliberou que o IPPUL apresentasse o Plano já acompanhado com o projeto das sete leis complementares que o implementam na prática.

Assim, no dia 7 de fevereiro, foram

organizados grupos de trabalho para atuar nos projetos de lei. A metodologia e o cronograma de atividades para este ano foram definidos, incluindo novas audiências e discussões, que agora devem ter maior participação das entidades representativas. A expectativa é de que as sete leis estejam prontas para discussão e aprovação em 2021.

Segundo Maria Eunice Ferreira (IPPUL), estão previstas uma série de Oficinas de Qualificação com os representantes eleitos dos seguintes segmentos: movimentos populares, entidades sindicais de trabalhadores e empresários, ONGs e representantes de entidades profissionais, acadêmicas e de pesquisa. Ainda terão participação os representantes indicados pelo poder público municipal e pelos conselhos municipais. Serão disseminadas oficinas preparatórias, nas quais os líderes dos segmentos atuarão diretamente com seus grupos que atuarão desde a leitura crítica que avaliará a legislação vigente, a sistematização de informações técnicas para justificativa, a revisão dos parâmetros urbanísticos até a propositura de texto para as minutas das Leis Específicas do Plano Diretor, de modo a maximizar o acesso às informações necessárias e assegurar o caráter participativo do processo”, explicou.

# Plano digital auxilia na compreensão da realidade londrinense

Com a aplicação do plano diretor digital, foi elaborado o mapa com as respostas de 1028 participantes online (norte 9%, oeste 26%, sul 19%, leste 16%, distritos 2% e centro 28%). O material é útil para o planejamento territorial.

É possível constatar e analisar mais facilmente a percepção da população londrinense que participou da pesquisa online sobre o município. Cabe lembrar que, como cada pesquisado poderia indicar mais de uma resposta, os números ultrapassam 100%. De fato, o próprio mapa foi objeto de consulta, e 57% afirmaram que o mapa facilita porque atinge maior número de pessoas.

Observa-se que 37% da população não utiliza o sistema público de saúde mas, dos que usam, 45% não estão satisfeitos com o atendimento das unidades básicas de saúde (postos). Na zona norte, 71% apontam a superlotação como o principal problema do sistema, diferente da zona oeste, onde o número cai para 38%.

Na Educação cerca de 51% não utilizam o sistema público. A porcentagem aumenta para 64% na zona oeste. Já na Área Social, 37% assinalam a falta de campanhas para prevenir a criminalidade, e 31% reclamaram dos prédios abandonados. Quanto às opções de cultura, lazer e esporte, a falta de qualidade nos espaços de lazer e esporte foi apontada por 65% dos pesquisados. Este número sobe para 75% na zona leste e 78% na norte.

Embora 39% dos londrinenses não usem o transporte coletivo, segundo o levantamento, apenas 7% dos que usam disseram que ele atende as necessidades. Na zona norte, a principal queixa é a falta de cobradores, enquanto nos distritos o problema maior é a falta de qualidade dos veículos.

Quando o assunto são as ruas e calçadas do próprio bairro 65% dos moradores do centro e da zona sul dizem que as ruas necessitam de melhorias, como o asfalto. O número sobe para 81% na zona norte. Nos distritos, apenas 1% se sente atendido na qualidade das calçadas.

Para 74% da população geral, faltam indústrias, que podem gerar impacto positivo na criação de empregos. E 31% entendem que as áreas industriais estão vazias por falta de infraestrutura. Ao mesmo tempo,

24% julgam que indústrias de grande porte são incômodas e devem ficar longe de áreas residenciais. Já sobre comércio e serviços, 55% dos londrinenses pensam que o centro histórico está abandonado, sem lazer, cultura, segurança. Além disso, deveria ter seu horário de funcionamento ampliado. O número é menor nos distritos (40%) e maior no centro (63%).

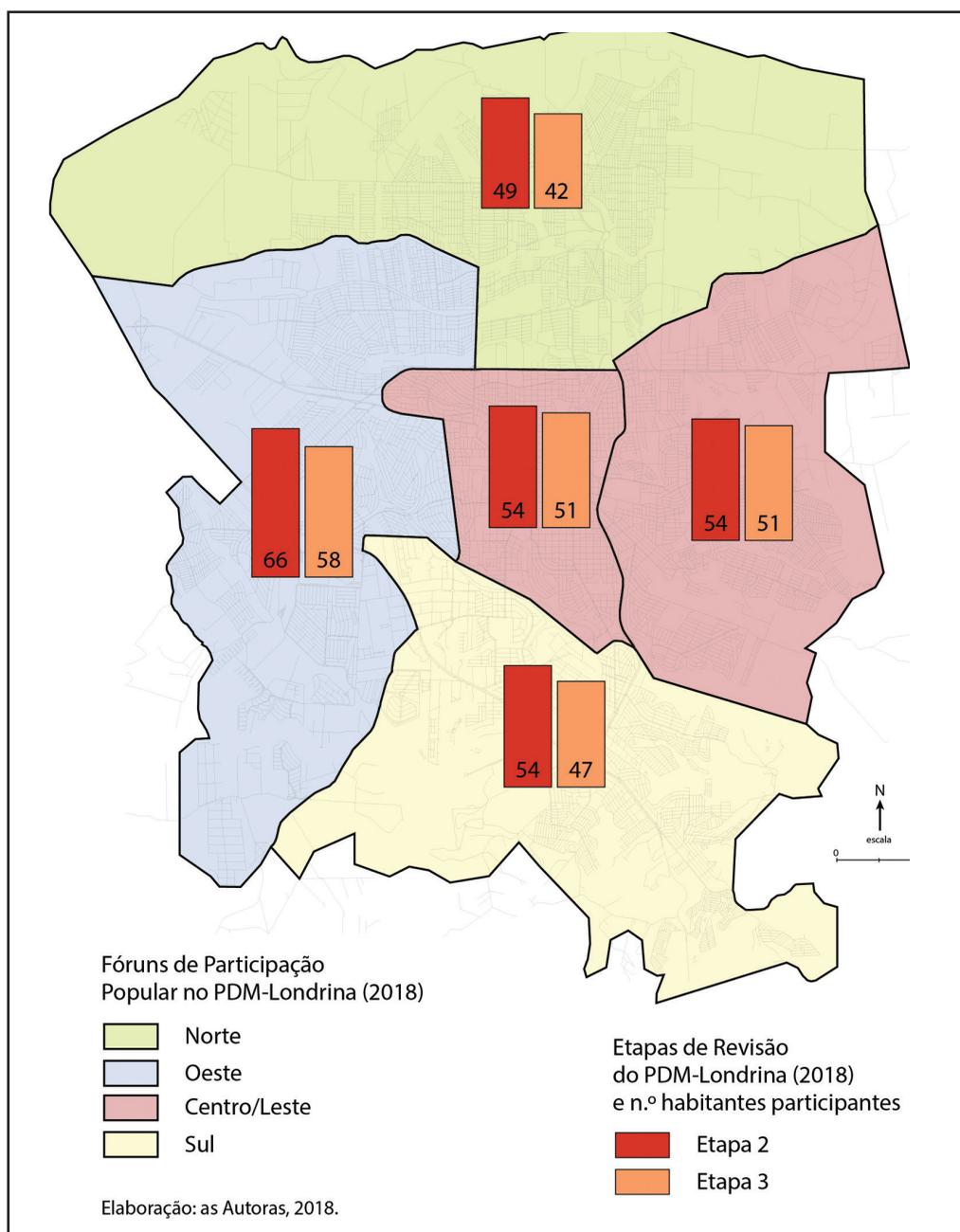
No item “área rural”, que inclui agricultura e turismo, 58% dos moradores do centro vêm falta de incentivo para o turismo rural, número que sobe para 60% na região sul e 70% nos distritos.

Para 32% da população, faltam habitações populares em Londrina. E dentre as existentes, falta qualidade (mesmo número para a zona leste e 47% para o centro) e falta segurança para 71% dos londrinenses em geral (64% na zona sul).

Referente a questão ambiental, 65% dos londrinenses aponta o assoreamento dos rios e lagos como grande problema no município – mesmo número registrado na zona norte. Na zona leste, 66% falaram da falta de conservação de áreas verdes em sentido mais amplo. Já nos distritos, a queixa de 60% foi a falta de Pontos de Entrega Voluntária (PEV) para resíduos sólidos como restos de construção e de podas de árvores.

No quesito estrutura urbana, 37% em geral (e também no centro, leste e distritos) indicaram a falta de fiscalização e de políticas públicas para ocupação de terrenos vazios. Nas zonas oeste e sul, os muitos terrenos vazios foram a tônica. Na zona norte, 47% destacaram os animais, lixo e entulho abandonados nos terrenos vazios.

Finalmente, foi avaliada a participação popular no Plano Diretor. A pesquisa mostrou que 60% dos londrinenses apontaram que a falta de resposta do poder público desestimula a participação. Na zona norte, metade não se sente representada por nenhuma organização. Também metade da zona sul sente falta de uma cultura, projetos e campanhas de educação cidadã. Na zona oeste e no centro, 60% entendem que há falta de meios de divulgação de massa para informar a população. E na zona leste, empatam em 64% as duas respostas: o desestímulo pela inação do poder público e a falta de divulgação.



# Da escola para a vida: momento de repensar os valores

Projeto de formação para a diversidade visa repensar as designações pré-formativas impostas nos vários âmbitos sociais

NATANAEL PEREIRA\*

As disparidades em participação e oportunidade que se apresentam nas esferas sociais mostram que o país pouco avançou quando se trata da igualdade de gêneros. Na contramão deste cenário, o projeto de extensão “CEGEN – Grupo de Estudos em Cultura, Esporte e Gênero”, coordenado pela professora Karina de Toledo Araujo, do Departamento de Estudo do Movimento Humano, visa refletir em torno das relações de gênero no esporte, e abordar também discussões sobre sexualidade, com base nas teorias das representações sociais, educacionais de cunho sociocultural e pós-colonialistas, feministas, além de estudos de gênero.

Desde 2017, o grupo de estudos realiza encontros no Centro de Educação Física e Esporte (CEFE) da UEL, reunindo cerca de 15 integrantes, entre estudantes dos cursos de Educação Física, Artes Cênicas, Psicologia e Biologia, além de professores de Educação Básica.

De acordo com a professora Karina, o intuito é problematizar as desigualdades de gênero que se manifestam nos vários âmbitos sociais, com enfoque no âmbito do esporte e das práticas corporais. “Buscamos analisar o que leva algumas práticas corporais a serem mais aceitas socialmente quando desempenhadas por determinado gênero e não por outro, identificando as implicações causadas por essas designações pautadas no gênero”, resume. Um dos indicadores apontados pela coordenadora é a falta de discussão sobre gênero, sexualidade e diversidade no currículo escolar da Educação Básica, ausência que se estende ao Ensino Superior. Ainda segundo ela, no projeto também são abordados outros marcadores sociais como classe social, escolarização e idade/geração.

## CONJUNTURA

Conforme explica a professora, que atuou por cerca de 14 anos em escolas de Educação Básica, o que



Professora Karina Araujo: “o que se identifica no dia a dia escolar é uma ‘generificação’ em todas as áreas do ensino, isto é, uma dificuldade de os estudantes transitarem por várias práticas sem sofrer preconceito e discriminação”

se identifica no dia a dia escolar é uma ‘generificação’ em todas as áreas do ensino, isto é, uma dificuldade de os estudantes transitarem por várias práticas sem sofrer preconceito e discriminação. No campo das práticas esportivas o cenário também é desafiador e, portanto, ainda há muito que avançar. A professora cita como exemplo a discrepância de incentivo e patrocínio entre as seleções brasileiras feminina e masculina de futebol, além da diferença de envolvimento cultural da sociedade para com elas. “Dentro do esporte é possível identificar um espelhamento de todas as relações sociais baseadas nas desigualdades de direitos que as minorias sofrem”, acrescenta.

Segundo os apontamentos da coordenadora, o

fato é que as discussões não avançaram no sentido de acarretar mudanças estruturais na sociedade. De acordo com Karina, este cenário é reflexo de movimentos ideológicos sociais e políticos, cujos discursos deturpam o significado das relações de gênero como tema educacional e cercaram o debate nas escolas. Ainda conforme a professora, tais discursos construídos com orientação política ganham cada vez mais espaço no país, pois são sustentados pela falta de informação.

Um episódio relatado pela professora, que reflete esta conjuntura, foi o que a educação brasileira presenciou em 2017, quando o Ministério da Educação retirou todos os trechos que mencionavam as expressões “identidade de gênero” e “orientação sexual” da Base Nacional Curricular. Apesar da intervenção, Karina afirma que não há como fugir das relações de gênero, uma vez que elas estão estabelecidas no cotidiano. “Não precisa dizer a palavra gênero. Se nas aulas de Educação Física o professor ensinar que as meninas não jogam apenas vôlei e nem os meninos jogam apenas futebol, ou seja, ao ensinar que todos jogam o que desejar ele já está trabalhando esses conceitos e contribuindo para o respeito às diferenças”, diz.

## ESTUDOS

Este ano o grupo de estudos, que nasceu com caráter de formação para a diversidade, inaugura uma nova fase. O objetivo agora é analisar a repercussão dos discursos acerca das relações de gênero nos diferentes veículos midiáticos, entre eles a televisão e as redes sociais, a fim de entender a capacidade que eles têm de formar pensamentos. Os resultados, essencialmente em forma de trabalhos de conclusão de curso, monografias e artigos acadêmicos, devem ser apresentados em diversos eventos promovidos ao longo do ano pela Universidade, assim como outros na região.

Após o término do projeto de extensão em andamento, previsto para julho deste ano, o objetivo é dar início a outro projeto. Segundo a professora, o tema é bastante conflituoso e tensiona as discussões políticas, educacionais e sociais. Portanto, é necessário para o espaço universitário como ambiente pluralista. “A Universidade tem a função de produzir conhecimentos e, principalmente, de contemplar a diversidade neste processo. Deve olhar para todos na luta pela igualdade de direitos”, finaliza.

\*Estagiário de Jornalismo na COM

## UEL forma novos mestres e doutores

A Universidade Estadual de Londrina tem mais oito docentes com título de Mestrado e Doutorado.

O professor Cláudio Luiz Castro Gomes de Amorim, do Departamento de Pediatria e Cirurgia Pediátrica, obteve título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UEL. Ele defendeu dissertação intitulada “Vitamina D e sua associação com algumas características inflamatórias em uma amostra de crianças brasileiras asmáticas”.

Ana Lúcia Cruz Furstenberger Lehmann, docente do Departamento de Clínica Médica, obteve título de doutora no mesmo Programa, ao defender sua

tese, intitulada “Avaliação de características clínicas, espessura da camada mediointimal da carótida e níveis plasmáticos de biomarcadores da coagulação, inflamação e disfunção endotelial, como potenciais preditores do déficit funcional e mortalidade em pacientes com acidente vascular cerebral isquêmico agudo”.

O docente do Departamento de Anatomia, Eduardo Carlos Ferreira Tonani, concluiu seu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UEL, com a defesa da dissertação intitulada “Análise da variabilidade da frequência cardíaca com o desempenho anaeróbico e recuperação de atletas de Brazilian Jiu Jitsu”.

A professora Juliani Chico Piai Paiva (Departamento de Engenharia Elétrica) defendeu tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Planejamento de Sistemas Energéticos da Universidade de Campinas. O título da tese é “Pobreza energética: um indicador baseado na capacidade de pagamento por serviços de energia elétrica no Brasil”.

A professora Keli Regiane Tomeleri da Fonseca Pinto, do Departamento de Enfermagem, obteve título de doutora no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual Paulista (Botucatu), ao defender a tese “Avaliação dos cuidados ao parto normal em maternidades públicas de

município da região sul do Brasil”.

Leandro Augusto dos Reis, docente do Departamento de Música e Teatro, defendeu sua tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEL, com trabalho intitulado “Música na sala de aula ou professor no palco: significações de licenciandos em Música – Encontros Possíveis”.

A professora Zuleika Aparecida Claro Piassa (Departamento de Educação) obteve título de Doutora em Educação na Universidade Estadual Paulista (Marília) com a tese “O conceito da diferença no currículo escolar: uma reflexão filosófica sobre os fundamentos pedagógicos da BNCC”.

## AGENDA



## Clínica Psicanalítica e Psicanálise

Serão realizados, no dia 20 de março, no Anfiteatro Cyro Grossi (Centro de Ciências Biológicas), 1º Simpósio de Psicanálise e 4º Seminário da Especialização em Clínica Psicanalítica. Com o tema “O mal-estar do analista nos dias atuais”, o objetivo é propiciar intercâmbio eficaz de fatos teórico-técnicos de aprofundamento na área de conhecimento da Clínica Psicanalítica e Psicanálise.

Participam da mesa-redonda de abertura o presidente do Núcleo de Psicanálise do Norte do Paraná, Antônio Mauro Osti, que vai abordar o tema “A solidão do analista”. Já o coordenador da Especialização em Clínica Psicanalítica da UEL, Ricardo Justino Flores, falará sobre o tema “Análise e o mal-estar na cultura”.

A programação contará ainda com conferência ministrada pelo professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Marco Antônio Coutinho Jorge. Mais informações pelo telefone (43) 3371-4397.

## Adoção e acolhimento

O Departamento de Educação, em parceria com a Prefeitura Municipal de Londrina, realiza o curso de extensão “Por que falar de adoção e acolhimento institucional na escola? Contextos, concepções e práticas”. Professores, diretores e coordenadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1, psicólogos, assistentes sociais e demais interessados podem se inscrever. serão três encontros, previstos para 26 de março, 30 de abril e 28 de maio, das 19 às 21 horas.

O curso tem como objetivo capacitar os gestores e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1 para trabalhar com adoção e acolhimento institucional no cotidiano escolar.

A coordenação é da professora Gilmara Lupion Moreno, do Departamento de Educação. Mais informações pelo telefone (43) 999940034 ou pelo e-mail gilmaralupion@uel.br.

**POR QUE FALAR DE ADOÇÃO NA ESCOLA?**  
**CURSO DE EXTENSÃO – 16 H**

**QUANDO** – 26/03/30/04 e 28/05/2020.

**HORÁRIO** – 19h às 21h

**ONDE** – Auditório do CMEI Valéria Veronesi – Rua Benjamin Constant, 800 – Londrina-PR.

**INSCRIÇÃO** – R\$ 15,00  
<http://www.uel.br/eventos/sigec/?id=5692>

Realização: Apoio:



## Pint of Science

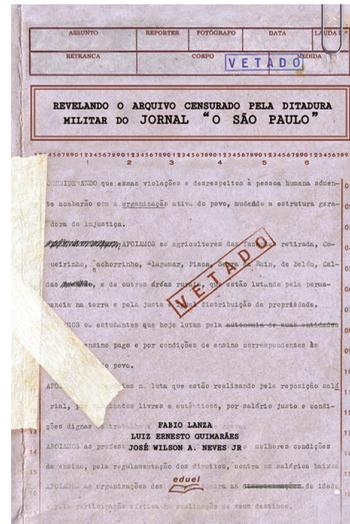
A edição deste ano do Pint of Science será realizada de 11 a 13 de maio, apresentando curiosidades e assuntos relacionados à ciência em bares locais. O evento é aberto a estudantes, professores, pesquisadores e profissionais de todas as áreas, com entrada gratuita e sem necessidade de inscrição prévia. A ação realizada simultaneamente, em 29 países e em 184 cidades brasileiras.

O evento é organizado pela UEL, com o apoio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), ACIL, ABRASEL e do Londrina Convention Bureau. O coordenador geral do Pint of Science Londrina é o professor Eduardo Inocente Jussiani, do Departamento de Física da UEL.

## Gênero e Políticas Públicas

O Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL sedia, de 28 a 30 de maio, o 6º Simpósio de Gênero e Políticas Públicas. O Simpósio incentiva o debate sobre a incorporação da perspectiva de gênero nas políticas públicas nacionais, regionais e locais, além das consequências sociais dessa articulação. A programação prevê conferências, mesa-redonda, minicursos, sessões dos grupos de trabalho, roda de conversa e painéis de avaliação de políticas públicas. O Simpósio é promovido pelo Departamento de Ciências Sociais e pela Pós-graduação em Ciências Sociais. Mais informações no site do evento: <https://www.sgpp2020.sinteseeventos.com.br/site/capa>.

## PRATELEIRA EDUEL



## Revelando o arquivo censurado pela ditadura militar do jornal “o São Paulo”

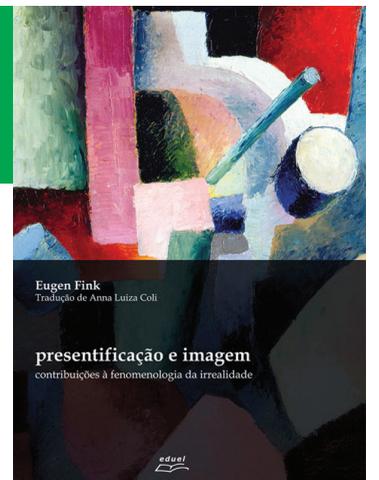
Autoria: Fabio Lanza; Luiz Ernesto Guimarães; José Wilson A. Neves Jr  
R\$ 47,00

O presente livro não é uma obra a mais sobre o período da Ditadura Militar no Brasil. Trata-se de um registro inédito da ação da censura como poder político sobre a Arquidiocese de São Paulo, através do jornal “O São Paulo”. A censura ao semanário revela as diferentes dimensões dos embates do governo ditatorial, através do Alto Comando Militar, responsável pela censura, com a Igreja Católica no período de repressão entre 1964 e 1985. O livro reúne o trabalho de pesquisadores que se dedicaram à organização metódica das fontes documentais ao mesmo tempo em que procuraram extrair do material analisado as correlações com o contexto social do período. Os capítulos recuperam a trajetória histórica e política da Arquidiocese de São Paulo, revelada não só pelas publicações em seu veículo de comunicação social, mas sobre tudo pelas páginas e trechos não publicados em “O São Paulo”, vetados pela censura. O livro serve como referência para trabalhos de pesquisa documental em diferentes campos das ciências humanas, como a Sociologia, História, Ciência Política, Arquivologia, Comunicação.

## Presentificação e imagem: contribuições à fenomenologia da irrealidade

Autoria: Eugen Fink  
R\$ 38,00

Publicada pela primeira vez em 1930, Presentificação e Imagem corresponde à tese de doutorado que Eugen Fink escreveu sob orientação de dois dos maiores filósofos do século XX, Edmund Husserl e Martin Heidegger.



## (eBook) História da Historiografia Paranaense: Matrizes e Mutações EPUB

Autoria: Antonio Paulo Benatte; Cesar Leonardo Van Kan Saad  
R\$ 35,00

Esta coletânea de ensaios analisa historicamente a produção historiográfica sobre o Paraná, de meados do século XIX ao fim do século XX. O intuito é realizar um estudo panorâmico da História da Historiografia paranaense, situando tendências, modelos explicativos, paradigmas, obras e autores nos contextos históricos, intelectuais e políticos que foram os seus; e, além disso, atentar para as suas repercussões no presente, em termos de “tradições” historiográficas com efeitos epistemológicos específicos. A História da historiografia articula-se assim ao movimento mais amplo de democratização do próprio conhecimento histórico.



## LIVRARIA EDUEL

Entre em contato e conheça a política de descontos  
e-mail: [livrariaeduel@uel.br](mailto:livrariaeduel@uel.br)

# Um outro olhar sobre a Educação Física

Projeto integrado estuda a Ciência a partir da concepção pedagógica crítico-superadora; participam dos estudos professores da rede pública e estudantes da UEL

REINALDO C. ZANARDI

Allan Alberto de Moura concluiu a graduação de Educação Física, no curso de licenciatura, em 2018. Ele diz que conhecia muito pouco sobre a Educação Física na perspectiva do marxismo, tema de um projeto integrado (ensino e extensão) do Centro de Educação Física e Esportes (CEFE). Seu primeiro contato foi durante as aulas do professor Fernando Pereira Candido. “Isso ocorreu no segundo ano da graduação. Mostrei meu interesse pelo tema e ele me informou que tinha um grupo de estudo, no qual comecei a participar e continuei até hoje depois de graduado”, diz o professor Allan de Moura.

Segundo ele, o que mais chama a atenção é a possibilidade de entender a Educação e Educação Física em uma sociedade capitalista, e entender também o próprio capitalismo como está posto, procurando compreender

o processo ou fenômeno em sua totalidade. “O que eu sempre quis saber é o papel da educação, o papel da educação física, e se a educação nessa sociedade é ou poderia ser transformadora”, diz. Esses questionamentos serviram para que Allan de Moura produzisse seu trabalho de conclusão de curso (TCC).

O professor Allan se refere ao projeto “Educação Física e marxismo: bases teórico-metodológicas”, iniciativa do professor Fernando Candido, do Departamento de Estudo do Movimento Humano do CEFE. O objetivo do projeto é proporcionar um espaço de diálogo e de estudos para entender a formação teórico-metodológica dos professores de Educação Física.

Participam do projeto seis professores de EF de escolas municipais e estaduais de Londrina e região, além de estudantes do curso, nas duas modalidades: bacharelado e licenciatura. Os encontros são realizados quinze-

almente, nas manhãs de sábado, nas dependências do CEFE, no campus universitário. Fernando Candido, que está em licença para sua pesquisa de Doutorado, explica que o projeto está em sua segunda fase, e atualmente é coordenado pela professora Karina de Toledo Araújo.

O professor lembra que medidas do Conselho Federal de Educação Física, ao longo da História, acabaram por fragmentar a atuação profissional, tendo repercussão na organização curricular dos cursos superiores e, portanto, na formação acadêmica. Fernando Candido observa que a formação tem embates epistemológicos a partir das concepções pedagógicas adotadas como o positivismo, o estruturalismo, a teoria cultural, o materialismo histórico.

Por que associar a formação do professor de EF ao materialismo histórico? O professor Fernando Candido explica que a EF pode ter como objetos de estudos quatro áreas. A primeira é a que concebe a Educação Física a partir da aptidão física (promoção da saúde). A segunda, que trata da motricidade, ou seja, o corpo em movimento. A terceira, o ensino e a promoção dos esportes. A quarta se refere à cultura corporal. “O professor de Educação Física, em qualquer um desses objetos vai ensinar os conteúdos clássicos, como ginástica, dança, luta, jogos e esportes”, comenta Fernando Candido.

Dependendo da perspectiva pedagógica adotada, atribui-se à EF o papel de promoção da saúde, de desenvolvimento da sensibilidade humana ou ainda se afirma que o desenvolvimento motor causa o desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente. Nesse sentido, Fernando Candido opta pela pedagogia crítico-superadora, na qual a cultura corporal ensina os conteúdos clássicos articulando História e Sociedade. “Se você não entende a cultura corporal, que é constituída desses conteúdos: ginástica, dança, luta, jogos e esportes, falta a compreensão da totalidade social”, defende.

Fernando Candido reforça que o professor de EF, seja na academia, no clube, no hospital ou em uma clínica de reabilitação, trabalha com a formação humana. “Ele tem que entender o ser humano, senão não saberá o que está fazendo em qualquer um desses lugares”, ressalta. “Se ele [professor] não entende o ser social, não entende o conteúdo que está ensinando, as motivações, as problemáticas que vai encarar enquanto professor”.

E para entender o ser humano, o

professor diz que é preciso entender antes a sociedade. “E para entender a sociedade, você não tem como fazer isso se não entende o modo de produção, a indústria, o comércio, a forma de troca das coisas que são produzidas. A forma como as pessoas trocam as coisas produzidas são relações sociais e não relação das coisas”. Por isso, o professor opta pelo materialismo histórico para estudar esse processo. “Isso permite que o professor e o acadêmico aprofundem o entendimento do objeto com o qual vai trabalhar, ou seja, a cultura corporal”, afirma.

O professor Fernando Candido explica que, atualmente, a EF é concebida como mercadoria a ser comprada em relação de consumo. Assim, o exercício físico, historicamente realizado na escola, passa a ser oferecido em espaços privados, sendo consumido – portanto – fora dos estabelecimentos de ensino. Como consequência desse modelo, Fernando Candido aponta a perda de importância do professor de EF. “Muitos vão atribuir como explicação à perda de importância, a incompetência e a falta de comprometimento do professor de Educação Física na escola”, argumenta.

No entanto, Fernando Candido ressalta que, na perspectiva do materialismo histórico, a explicação para essa perda de importância é outra. “O materialismo histórico ajuda a ver que a perda da importância passa por mudanças na base econômica, na organização política da sociedade. São mudanças da dinâmica social que afetam a educação física na escola e no seu exterior”, explica.

## METODOLOGIA

Conforme o professor, a metodologia do projeto integrado prevê quatro etapas: a) estudos prévios, leitura coletiva e discussão presencial de textos; b) levantamento e seleção de material bibliográfico relacionados a temas do objeto de estudo; c) apresentação e discussão coletiva de propostas de pesquisa e intervenção pedagógica; d) produção de trabalhos científicos.

Como resultados, o professor ressalta vários aspectos como a formação acadêmica em uma perspectiva teórica pouco usual, elaboração de monografias de Especialização e de conclusão de curso da graduação, produção de artigos para eventos e publicações científicas. Em 2018, foi realizado um curso de extensão sobre lutas, para professores da rede estadual tendo o materialismo histórico como base teórica.



Se você não entende a cultura corporal, que é constituída desses conteúdos: ginástica, dança, luta, jogos e esportes, falta a compreensão da totalidade social”, defende o professor Fernando Candido